



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**IANO FOGNA BLATA**

**O ARROZ COMO ALIMENTO BASE DA POPULAÇÃO GUINEENSE: UM  
ESTUDO SOBRE SEU CULTIVO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O POVO BRASA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**IANO FOGNA BLATA**

**O ARROZ COMO ALIMENTO BASE DA POPULAÇÃO GUINEENSE: UM  
ESTUDO SOBRE SEU CULTIVO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O POVO BRASA**

Projeto de pesquisa apresentado como pré-requisito para obtenção de nota no componente curricular TCC II, do curso de Bacharelado em Humanidades, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Gomes de Souza.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

## **IANO FOGNA BLATA**

### **O ARROZ COMO ALIMENTO BASE DA POPULAÇÃO GUINEENSE: UM ESTUDO SOBRE SEU CULTIVO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O POVO BRASILEIRO**

Projeto de pesquisa apresentado como pré-requisito para obtenção de nota no componente curricular TCC II, do curso de Bacharelado em Humanidades, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Cláudia Gomes de Souza.

Data de aprovação: 20/08/2019.

#### **BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ana Cláudia Gomes de Souza (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ivette Tatiana Castilla Carrascal**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>12</b>
<b>5</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>12</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>21</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A República da Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental da África, faz fronteira Sul e Leste com a República da Guiné-Conacry e norte com Senegal, e banhado pelo oceano atlântico. Com superfície total de 36.125 km<sup>2</sup>, possui uma população de 1.530. 673 habitantes. Guiné-Bissau é um país tropical com duas estações climáticas, seca e chuva, e um país rico em fauna e flora, possui mais de 90 ilhas e ilhéus, com 8 regiões: Bafatá, Gabú, Bolama/Bijago, Cacheu, Biombo, Oio, Quinará e Tombali, além do Setor Autônomo de Bissau (SAB), onde está concentrado o poder administrativo do país (AUGEL, 2007, p. 51). Nas observações de Judith A. Carney (2001) estas populações africanas faziam as suas atividades agrícolas para sobrevivência antes do período colonial.

Figura 1 - Mapa da Guiné Bissau



Fonte: <<https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>>. Acesso: 23 Jul. 2019.

Apesar de Guiné-Bissau ser um país pequeno, ele contém uma grande diversidade cultural, que é representada por diferentes grupos étnicos nele existente, representados pelas etnias Balanta, Papel, Mandjaco, Mancanha, Mandinga, Fula, Biafada, Bijagó, Felupe, e muito mais. Vale a pena ressaltar que tem algumas etnias que estão desaparecendo ou foram absorvidas por outras, como é o caso de *Padjadincas*, que hoje em dia apresentam-se como *Mandingas* ou *Fulas*, por conta da religião que todos seguem, que é o Islão.

A produção de arroz faz parte da dieta alimentar da Guiné, e também representa um símbolo para a cultura do povo guineense. Na qual, quase todos os povos que compõem a população da Guiné realizam esta plantação. Desse modo, o processo da produção de arroz na

Guiné-Bissau é o que pretendo compreender no presente projeto, partindo do entendimento do povo *Brasa*, analisar sucintamente os seus saberes neste setor de produção e suas especificidades.

Vale ressaltar que o cultivo de arroz é um dos maiores propulsores da economia da Guiné-Bissau, perpassando por questões alimentares, étnicas e tradicionais. O plantio ocorre principalmente na época chuvosa, na época seca não existe quase nada em termos de produção de arrozal. O clima do país é tropical úmido, tem duas estações no ano, época de chuva e seca. O sul da Guiné-Bissau trata-se de uma zona que iniciam as primeiras chuvas, e talvez por isso, seja a área de maior cultivo de arroz no território guineense. Sobretudo, a produção alagada. É importante lembrar que a maior concentração de cultivo do país é localizada na zona rural.

Obiageli K. Ezekwesili, Habib Fetini, Antonella Bassani, Philip English (2010) mostram que na Guiné o cultivo de arroz começou com a produção de arroz de *mangrove*<sup>1</sup> no vale do rio Mansoa, na zona agro-ecológica norte, na era pré-colonial, há mais de 500 anos. Quando os jovens forneciam a maioria da mão de obra e havia chuva abundante e uma elevada fertilidade do solo. Os agricultores tradicionais *balanta* cultivavam a terra próxima ao mar, desalinham essas terras construindo diques à sua volta e deixando entrar água pluvial antes de cultivarem o arroz. Este é o sistema de cultivo de arroz mais extensivo na Guiné-Bissau e largamente praticado nas regiões costeiras (2010, p. 94-5).

*Balanta* significa na língua *mandinga* “aquele que recusa”, ou aquele que recusa submeter-se a qualquer forma de dominação, de subjugação da sua liberdade. Na língua *balanta*, *alante* (plural *balante*) é o indivíduo do sexo masculino. Conforme Paula Pinto (2009), o povo *balanta* resistiu à hegemonia *mandinga* (*kaabú* XV a XIX), às investidas do Islão, e até, em grande medida, à colonização portuguesa.

Para a autora, ao logo do tempo os *balanta* têm procurado novos solos para cultivo. Ela afirmou que o povo *balanta* é tradicionalmente cultivador de arroz. Arroz de sequeiro, mas, sobretudo, alagado, de *bolanha* (terrenos alagados). Por isso, concentram-se, sobretudo, nas regiões de *Oio*, *Quinara* e *Tombali*, zonas densamente irrigadas por braços de mar.

Na concepção de Pinto (2009), os *balanta* ocupam lugar de destaque na agricultura nacional. Na década de 50 cultivavam perto de 30% da terra arável guineense. A preponderância do arroz na vida *balanta* faz com que os ritos sócio-culturais e religiosos (fanado, toca choro, casamento), se realizam numa outra data, em função da produção

---

<sup>1</sup>Mangrove significa o cultivo de arroz em água salgada. arroz alagado (nas *bolanhas*, em crioulo, ou “*nho*”, em *balanta*).

orizicultura. Pinto (2009) acredita que os *balanta* continuam a ser os primeiros produtores de arroz da Guiné-Bissau. Porém, a quantidade produzida quase não excede a capacidade de consumo do próprio *balanta*. E vale lembrar que atualmente parte da população tem preferido o chamado “arroz perfumado”, importado da Tailândia, Paquistão e China (2009, p. 48-9).

Esta questão da valorização do arroz importado é um dos problemas que deve ser discutido, através da promoção de autoridades que atuam nesta área agrícola, porque, sem sombra de dúvida, o arroz guineense é melhor que a arizicultura importada, considerando vários aspectos, como o econômico, de sustentabilidade, fortalecimento do mercado interno, dentre outros. O arroz branco que vem de outros países, e devido à importação, faz uso de produtos químicos para a sua conservação. Enquanto que a produção local é orgânica, quase nada é usado em termo de produto para conservação. Em outras palavras, comprar arroz local é contribuir também com o cultivo da agricultura e economia nacional. E como afirma Pinto (2009), quando os interesses individuais colidem com os interesses coletivos, os *balanta* privilegiam sempre, tradicionalmente, o bem-estar coletivo.

No Brasil, uma região também reconhecida historicamente pela produção de arroz<sup>2</sup>, é o território Maranhense. Durante o período colonial, foi um grande produtor de arroz, sobretudo, no último quartel de do século XVII. Esta produção foi possibilitada pelos africanos da alta Guiné. Segundo Reinaldo dos Santos Barroso Junior (2009).

a resistência inicial que persistiu até final do século XVIIe no século XVIII com a resistência vencida, as técnicas para a produção do arroz africano adaptaram-se perfeitamente ao arroz asiático e os instrumentos africanos como Kebinde (instrumento da madeira ou ferro muito utilizado pelos guineenses para arado) também fizeram parte de cultivo de arroz novo. Essas técnicas e as ferramentas utilizadas pelos guineenses tornaram-se muito conhecidas nosistema atlântico e os africanos oriundos dos portos de Cacheu e Bissau, reconhecidamenteexímios cultivadores de cereais, afinal possuíam mais de três milêniosanos da experiência (BARROSO JÚNIOR, 2011, p.87).

Para Marina Padrão Tomulo (2009), os cultivos de arroz conhecidos como de água salgada e o de sequeira (em crioulo, *Mpampam*), são modelos conectados com matrizes étnicas. A lavoura de arroz na água salgada é associada como especialidade do povo *balanta*, em crioulo. Na língua *balanta*, podemos chamá-los de *brasa*. Já o povo *fula* é associado com

---

<sup>2</sup> O tipo de arroz *OryzaGlaberrima* é conhecido nos meios acadêmicos como arrozal africano. Era produzido pelos guineenses anteriormente à colonização, e só depois no século XVI foi introduzido pelos portugueses a segunda espécie de arroz, o *Oryza Sativa*, de origem asiática (BARROSO JUNIOR, 2011). Muito provavelmente, devem ter sido os escravizados da região da Alta Guiné que levaram o cultivo para o Brasil, no período da colonização.

sistema sequeira (*Mpampam*). É de salientar que as demais etnias também usam os dois modelos de lavouras.

É importante ressaltar que a cultura de arroz é essencial para a identidade cultural de grande parte da África Ocidental. Nos grupos étnicos esse cereal constitui o alimento básico, ao menos uma refeição inclui arroz ao dia, e caso não inclua, considera-se que a pessoa não comeu. A sua importância é evidente nas celebrações das aldeias, tradições funerárias de algumas etnias. Durante a qual se fazem oferendas de arroz aos espíritos dos mortos (CARNEY, 2001, p.61).

Também é notória nas culturas guineenses a participação do cereal na dieta alimentar e na economia da Guiné-Bissau. Desde a constituição da base alimentar pertencente a totalidade das etnias do mesmo território, perpassando as várias dimensões da realidade das comunidades. O arroz é alimento, mas também produto econômico, ritualístico e religioso. Ainda podemos afirmar que as celebrações tradicionais nas aldeias *balanta* que visitei, existirá um domínio de toda a produção, e acredito que isto acontece pelo esforço de garantir a sobrevivência das comunidades, e para manter as suas tradições e culturas.

Atualmente a produção nacional da Guiné-Bissau é estimada em 140.000 toneladas de arroz *praddy*<sup>3</sup>, ou seja, 77.000 toneladas de arroz branco (após ser descascado) aproveitando um total geral de 113.368 ha de terras. Estas produções vêm de planalto, sistema de produção *Bas-Fands* e sistema de *Mangrove* (DJATA, MANE, INDI, 2003).

Em termos econômicos, os *balanta* são um daqueles povos no território guineense que se empenharam na produção de arroz para sua auto-suficiência, porém, vende pouco, se verificarmos o percentual de participação econômica desse cereal nas comunidades. “Podemos caracterizar este povo *brasa* como majoritário na Guiné-Bissau, e são principais cultivadores de arroz (*malu*, em *balanta*), altamente especializado na cultura do arroz alagado (nas *bolanhas*, em crioulo, ou “*nhot*”, em *balanta* )”, nas palavras de Olavo Borges de Oliveira, Philip J. Havik e Ulrick Shienfer (1996, p.368).

A mobilização territorial dos *balanta* adaptou-se às mudanças políticas que ocorreram ao longo dos séculos, impulsionadas pelas invasões Mandingas, posteriormente Fula, por causa da expansão destes povos para o oeste. Os *brasa* fixaram-se na zona atualmente conhecida como *Oio*, a partir do século XV (OLIVEIRA, HAVIK e SHIENFER, 1996).

No século passado, sob pressão das campanhas militares coloniais, os *brasa* migraram para o sul, para a região de *quinara*. O “chão tradicional dos *Beafadas*”<sup>4</sup>. As novas ondas

---

<sup>3</sup>*Praddy* é o termo utilizado para o arroz com casca, o que corresponde a um maior peso.

<sup>4</sup> Esta é uma expressão que quer dizer zonas ocupadas pelo povo *beafada*.

migratórias durante este século levaram muitos *brasas* a se fixarem na região de *tombali*, onde produzem maior parte do arroz cultivado na Guiné-Bissau (OLIVEIRA, HAVIK e SHIENFER, 1996, p. 368). Os autores Oliveira, Havik e Shiefer também irão afirmar que o povo *brasa* é animista. Mas, é importante lembrar que com forte influência das religiões cristãs e do islamismo, muitos *brasa* se converteram. Afirmando que as aldeias *Balanta* são fundadas por membros dum clã (patrilinear), que sendo os primeiros a chegarem numa zona, passam a deter toda autoridade sobre o território. Esta autoridade é conseguida através dos seus contatos com os espíritos da natureza (*Irã*, em crioulo; *aule*, em Balanta), na base do qual o cultivo pode prosseguir (1996).

Há uma divisão nítida de trabalho entre homens e mulheres. Os homens ficam com a tarefa de preparar terrenos, diques, lavourar (“*paas*”) e fazer as colheitas. As mulheres ficam com semear (“*inpa* ou *ngubm*”) os arrozais, colocar na terra para depois transplantar para as *bolanhas*. Ainda podemos acrescentar o pilar do arroz, que é uma tarefa associada com sexo feminino. Ainda para os autores Oliveira, Havik e Shiefer (1996, p.366), a produção de arroz é um cultivo orgânico no contexto da Guiné-Bissau, devido às características do seu cultivo no país<sup>5</sup>.

Os *Brasa* se orgulham desta profissão de cultivo de arroz. Isso é mostrado nos lugares de encontros, na hora de *Quifiga* (em balanta), é um momento onde um homem *balanta* é chamado com “*bombolum*” (um instrumento importante de comunicação, serve para tocar choro nas festas de danças. Cantar *pó*, *kusunde*, *broska*, etc.) .Nesta ocasião a pessoa aproveita para mostrar às demais presentes naquela cerimônia ou festa que ele é como vale para sua *tabanca*<sup>6</sup>, ou seja, naquela comunidade. É importante recordar que um bom produtor *balanta* ganha muita consideração, por conseguir um rendimento que dá para a autossuficiência da sua família, alcançando outra “riqueza” com os gados, atualmente possuindo novo modelo de casa enfeitada com zinco, carro, e outros bens materiais.

Os *Balanta*, principalmente os nascidos na zona rural, se dedicam à plantação de arroz desde criança até a última fase da vida, já como adulto. Uma pessoa começa a lidar com o trabalho agrícola desde a infância, só deixando no momento que não puder mais, geralmente, por questão de velhice, como afirma o entrevistado Malam José Sanha (agricultor guineense, 18 anos, morador de Nhacra, região de *Oio*).

---

<sup>5</sup>Agricultura orgânica são produções natural, sem ajuda de produtos químicos, segundo OLIVEIRA, HAVIK e SHIENFER, 1996).

<sup>6</sup> Tabanca corresponde a aldeia, constituída por um conjunto de várias famílias singulares, cujo elo consiste em terem uma ascendência comum (Fonte: <http://tchogue.blogspot.com/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html?m=1>. Acesso:10/08/19).

O Estado Guineense e a população têm se preocupado com o setor agrícola, e quais seriam as estratégias para se distanciarem da dependência de doações e redução da importação de arroz para o país. Todos reconhecem que ainda é necessário criar mecanismos para melhorar a colheita, como também melhorar todo o sistema de produção que funciona ao longo dos séculos, e que por isso, muitos estão em decadência, comprometendo a autossuficiência dos produtores anualmente, devido às mudanças sociais nas sociedades tradicionais, que são a base da lavoura no contexto da Guiné-Bissau (OLIVEIRA, HAVIK e SHIENFER, 1996, p. 368).

Diante do exposto, o foco do nosso trabalho é compreender a realidade sobre o cultivo do arroz no território da Guiné-Bissau, no contexto *balanta* desta produção, tanto econômico, cultural, quanto tradicional.

## **2 PROBLEMA**

Como é a produção de arroz na Guiné-Bissau no contexto *Brasa (Balanta)*, sua dimensão econômica, cultura e tradicional para o povo *Brasa (Balanta)*.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A minha motivação pela escolha do tema é para reforçar o debate sobre a produção agrícola na sociedade guineense. Visto que a orizicultura é uma prática de longa data que tem uma ligação profunda como a cultura da Guiné-Bissau, e o arroz continua a ser o principal alimento da dieta guineense. Com este trabalho sobre a produção de orizicultura na Guiné, queremos contribuir com as pesquisas sobre esta realidade neste país, e fortalecer as investigações realizadas sobre a questão agrícola na comunidade guineense.

Problematizando não apenas os aspectos relacionados à agricultura e à economia, mas também às questões regionais, étnicas e culturais dessa produção, que é muito importante para a população da Guiné. É uma constatação que a maior parte dos guineenses consomem arroz no seu dia a dia, produzido por famílias camponesas, sobretudo, da zona rural, que dependem da agricultura para sua sobrevivência, e que mesmo com o cultivo local está sempre em falta.

Observando por este ângulo dos fatos, é preciso a realização de trabalhos científicos como este, para fazer parte do debate sobre este setor produtivo, assim contribuindo para o melhoramento das condições de trabalho do povo brasa e demais povos guineenses, que passam pelas mesmas necessidades. Acredito que é um assunto essencial e urgente, pela lógica do perigo de esgotamento da produção no território guineense. Outro elemento preocupante, é que a população tem crescido, segundo os dados do último censo populacional<sup>7</sup>.

Por outro lado, percebo que é uma temática menos abordada no meio acadêmico, isso moveu a minha curiosidade, para contribuir na propagação, para manter as nossas culturas. Ainda interessado no crescimento desta orizicultura que é um alimento infalível na mesa guineense, mesmo sem ingredientes de acompanhamento, porque é uma comida com puro sabor natural. Arroz que vem de produção orgânica e transformação tradicional, sem produtos químicos, segundo Oliveira, Havik, Shienfer (1996). Preocupado também não só pelo grosso número da importação feita anualmente para abastecer o mercado nacional, mas pelo alto preço que se encontra este produto no mercado nacional em alguns momentos, quando a procura é maior do que a oferta. E que às vezes não facilita o acesso para as camadas sociais de baixa renda. Com a condição de um estado de bem-estar social fragilizado, com boa parte da população desempregada (recebendo salário mínimo menor que 55.000 francos / CFA, cerca de R\$ 369,37 reais)<sup>8</sup>. Afinal, este setor agrícola deve ser uma prioridade, visto com mais atenção por parte do Estado da Guiné, em colaboração com produtores, para dar outro direcionamento à produção local.

Outro desconforto é com a posição do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que o país ocupa, estando na 176 posição, em comparação aos 187 países avaliados. No que diz respeito à distribuição da pobreza a nível nacional, dados publicados no Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza (DENARP). A pobreza em âmbito nacional é de 69,3%, em 2010, caiu para 59% em 2015, e da extrema pobreza de 33% caiu para 20% (DENARP, 2011-2015 ).

Estes motivos me conduzem a pensar que guineenses devem fazer viradas nestas situações de estudo, e assim oferecer ao país outro olhar sobre o status de subdesenvolvimento a partir das pesquisas realizadas, dentro e fora do país.

---

<sup>7</sup>De acordo com a última atualização do Banco Mundial, em 6 de dezembro de 2018, mostra que Guiné-Bissau possui uma população de 1,8 milhões.

<sup>8</sup>Atualização do câmbio de 09 de julho de 2019, Brasil.

## 4 OBJETIVOS

**Geral:** Analisar como se constitui a produção de arroz na Guiné-Bissau pelo povo *Brasa*, o valor que se atribuía este cereal no contexto da cultura guineense.

**Específicos:** Entender a organização social do povo *Brasa*, divisão social do trabalho entre gêneros, faixas etárias e maneira de mobilização de força de trabalho;

Identificar materiais de uso e seus modos de cultivo de arroz, forma de colheita, armazenagem e consumo deste arrozal;

Compreender a contribuição do povo *Balanta* na Guiné-Bissau através da lavoura de cereal.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

Judth A. Carney (2001) mostra que a investigação pioneira francesa feita em 1970, relativa ao *oryzaglaberrima*, concluiu que essa espécie era fruto de domesticação africana independente. Conforme ela afirmou, mais de vinte espécies de arroz conhecidos no planeta, só dois tinham sido domesticados na Ásia (*O. sativa*) e os outros, na África ocidental (*O. glaberrima*), depois se estendeu para demais partes das regiões africanas. Isso vem confirmar que os africanos conheceram o arroz há tempos, antes do que podemos pensar ou o que a narrativa colonial deixou que acreditássemos.

Foustino Imbali (1992), nas suas observações compreendeu que comportamentos agrícolas das produções *balanta* não se definem exclusivamente em função de critérios econômicos de rentabilidade e monitoria. Mas se definem em função nomeadamente do parentesco e das relações com o poder tradicional, o sagrado, etc. Ressaltando a preocupação de assegurar a reprodução equilibrada de sociedade *balanta*, através também da agricultura.

Todas as sociedades tradicionais, em geral, são obcecadas pelo sentimento da sua vulnerabilidade. Pelo receio de rupturas, por isso estão permanentemente em luta contra desvios e os desequilíbrios que as ameaçam (IMBALI, 1992, p. 4). Na colocação de Foustino Imbali, *balanta* são constituídos por um complexo conjunto de relações sociais muito particulares, e uma relação contratual entre o produtor e a terra. Com uma técnica de produção muito antiga e pouco modificada apesar das invenções de diques, a sua estratégia principal é a

inundação das terras preparadas pela água de mar, ajudando a passagem para o trabalho de cultivo de arroz como para outras atividades (IMBALI, 1992).

Imbali explica que as tarefas são realizadas a partir da inter-ajuda praticada pelos habitantes das tabancas, que às vezes apelam para as tabancas vizinhas, porque exige bastante esforço. Estes produtores *balanta* usam instrumento como “*kebinde*”, arado para lavoura, o “*kebom*” para colheita, “*fboto*” protetor para colheita. Estas ferramentas sofreram melhoramento através do surgimento de ferreiros tradicionais nas tabancas. Tanto *kebinde* quanto *kebom* adotaram lâminas de ferros (IMBALI, 1992). É importante lembrar que atualmente para a colheita, a faca é muito usual.

O autor ainda afirma que as relações sociais de produção *balanta* e o seu aspecto mítico, são extremamente importantes, no tratamento de sociedades *brasa* que o autor estudou. Ele cita a relação entre os homem-homem, que envolve essencialmente a mobilização da mão de obra. Ressalta também a relação dos homens com os ancestrais protetores, que tem a ver com a espiritualidade.

Para ele, o povo *brasa* tem bastante espaço para a produção agrícola de arroz, e condições climáticas satisfatórias. Não obstante, apontou que nos últimos anos a produção *balanta* confrontou com novas condicionantes, como a segurança das comportas dos diques, que necessitam de manutenção devido ao tempo de uso, e outras questões referentes ao uso de técnicas muito antigas, que não mais alcançam os resultados esperados (IMBALI, 1992).

Partindo desse olhar, acreditamos que sempre deve ter havido acompanhamento nos sistemas de produção guineense, porém, conforme o tempo passa, as coisas mudam. Para explicar a situação de baixa produção *balanta*, Imbali atribui as irregularidades da pluviometria, diminuição da mão de obra e declínio da solidariedade tradicional. Como apontou a questão de multiplicação do mercado de trocas de produtos por outros. No caso das camadas juvenis, tem a migração para as cidades diminuindo a mão de obra. O autor considera que o agravamento da crise é também por parte do Estado, através dos investimentos demasiadamente centrados nas cidades e falta de projetos de integração com o mundo rural (IMBALI, 1992, p.7).

É uma boa observação do autor, sendo que é muito recorrente atualmente a saída de jovens da zona rural em busca das cidades, por situações como essas: continuidade da sua escolaridade, devido que na zona rural, na maioria das regiões da Guiné-Bissau, poucas conseguem oferecer a estas populações ensino completo. Os liceus vão até 9 a 10 anos, sem contar a distância que estas escolas estão das tabancas. Outros jovens ainda, devido a

inconformidade da vida que as sociedades rurais oferecem, saem a procura de novas oportunidades.

Portanto, é importante fazer um equilíbrio de condições da vida rural e urbana para que jovens do mundo rural se sintam à vontade de viver nas suas próprias localidades. Jovens são o “motor” de produção, disse Foustino Imbali (1992). Este êxodo tem consequências imediatas para o sistema de produção arrozal. A disponibilidade dos jovens para o trabalho agrícola é cada vez mais rara, representando nos últimos anos despesas para o produtor por não mais poder contar a força do trabalho juvenil, como acontecia no passado. Uma família sem filhos verá a sua produção condenada a baixar (IMBALI, 1992). Por isso que a mão de obra familiar atualmente torna-se mais determinante para a produção de arroz, sendo cada vez difícil encontrar mão de obra coletiva, para trabalho de grupo.

Porém, não podemos negar um fato, que a realidade atual foge da vivência tradicional antiga. Exige melhoramento nos territórios rurais guineenses, sobretudo, para a produção agrícola já que as cidades dependem deles para o seu consumo.

Imbali (1992) apresenta aspetos da alimentação do povo *brasa*, faz divisão em três categorias: *alimento de base* (incluindo essencialmente “*malo*”, arroz); *alimento de acompanhamento* (molhos diversos, peixes, legumes e condimento); e *alimento de prestígio*, são comidas particularmente produzidas durante as festas, ou quando se recebe uma visita de prestígio. Nestas ocasiões de festas de canta *pó*, funerárias, sobretudo, em festas de *kusunde*, e recentemente festa de ano novo.

Nessas ocasiões as comidas são preparadas cuidadosamente por mulheres mais exímias desse ofício. Hoje em dia utilizam ingredientes modernos pela honra do convidado. Por outro lado, alimentos de rituais obedecem, em sua maioria, uma ordem de causa religiosa, como o milho, leite, arroz, carne, são os principais. Segundo Foustino Imbali (1992), milho é o alimento mais ritual entre os *brasa*, nas três importantes cerimônias (o *fanando* ou iniciação, o casamento e a cerimônia funerária). Esses rituais não podem ser realizados, sob nenhum pretexto, sem a presença do milho. Ele não pode ser substituído por outro alimento.

Esta planta não é cultivada pelos *brasa* da região sul, alguns cultivam em pouca quantidade, para fins de cerimônia. Especificamente na zona estudada por Imbali, eles compravam através do povo *fula*. Concluiu que houve mudanças nos pratos alimentares de *brasas* (1992, p. 9-10). É de salientar que para um ritual cerimonial geralmente o milho é usado numa quantidade entre um a dois quilos.

Entre os *balanta* a divisão social do trabalho na preparação dos alimentos não ocorreu profundas mudanças, esta atividade continua a ser confiada quase exclusivamente às

mulheres. Ainda as mulheres se incluem na categoria de sub autoridade direita do chefe de família. Elas recebem aquilo que em *balanta* se designa “*fat*”, a palha de arroz mais mole de uso para animais, também aproveita do arrozal extraído do *fat* para dar-lhes uma certa quantidade para troca ou venda, e com este arroz comprar roupas próprias, para seus filhos e marido. Principalmente compram panos. Que no contexto *brasa*, quantidade de panos assinala a riqueza de uma mulher.

Imbali (1992) acredita que o comércio é uma atividade que os *balanta* desprezavam ao longo do tempo, por duas razões essenciais. Primeira, pela origem dacultura, que emana do funcionamento da própria sociedade do povo *brasa*, que com efeito até uma data bem recente (início de ano 80), não havia praticamente atividade econômica entre *balanta* nas *tabancas* estudadas pelo autor, em que o dinheiro entrasse como intermediário principal. Produtos eram trocados, e o arrozal desempenhando papel de moeda. Para os *balanta* a prática comercial significava procura de riqueza individual, e contrária a regra de funcionamento da sua sociedade. Rejeitava ou simplesmente marginalizava a quem tentava esta prática (IMBALI, 1992).

Segunda, é a própria ordem econômica, que significa que a economia *balanta* há muito tempo funcionava sem dinheiro. Utilizado a parte para aquisição dos panos para a confecção de roupa e artigos do quais eles podiam fazer prescindir, tudo era fabricado nas *tabancas*. O dinheiro vindo da produção de arroz servia para pagar imposto e comprar panos (IMBALI,1992,p.12).

Compreendemos que a situação atualmente é outra. O comércio e a circulação de moeda na sociedade *balanta* evoluíram bastante, isso pode ser detectado nos pequenos comerciantes, nas próprias *tabancas* e nas famosas “*abotas*”, um pagamento familiar para cerimônias de fanado, toca choro, canta pó e *kusunde* ect.

No escrito de Rui Nenê Djata, Ansumane Mané e Manuel Indi (2003), afirmam que a agricultura é o alicerce da economia guineense, segundo eles, ela é fundada sobre a agricultura pluvial que pode ser considerada cerca de 99% da produção da Guiné, com a produtividade agrícola dependendo do nível de precipitação em termo quantitativo e qualitativo. No que diz respeito ao sub-sector arrizicola, ele ocupa uma posição central e estratégica na economia de todas as etnias da Guiné-Bissau, com a utilização de formas de trabalho ainda consideradas arcaicas, fracas e tradicionais (DJATA, MANE e INDI, 2003, p.4).

Também estou convencido de que se tiver investimentos nesta área produtiva do país, ela poderá dar um salto gigantesco. Compreendendo que tem uma parte das pessoas neste

setor que trabalha com toda vontade, mas passam por dificuldades, má recompensa de todos os seus esforços. Trata-se daqueles pequenos produtores da Guiné-Bissau, que fazem lavoura para sua subsistência. O setor precisa de um plano forte, uma contribuição prática, por parte das autoridades guineenses, ou seja, para todos os cidadãos de Guiné-Bissau que desejam crescimento agrícola neste território. Pode ser uma ajuda através da inserção das novas técnicas neste setor agrícola Guineense, a partir da construção de diques seguros, melhoramento nas formas de lavouras, colheitas e transformações, que ainda é manual.

O arrozal produzido na Guiné vem de três sistemas de produção importantes, segundo Djata, Mane, Indi (2003): o sistema de produção planalto pratica o cultivo extensivo nas terras cultiváveis de corte e queimada. Seguido depois pela plantação de caju. Desta produção nacional bruta, estima-se em 140.000 toneladas de *paddy* por ano, 77000 toneladas de arroz descascado, desse modo, 15.000 toneladas ou 10,7% provém desta produção do sistema de planalto. Correspondendo a 33.000 ha, de terras cultivadas. Existem mais ou menos 40.000 exploradores agrícolas, a nível nacional, desta produção. A baixa produtividade está ligada aos inimigos naturais da agricultura, como as doenças existentes nos ambientes circundantes aos arrozais a presença de animais a exemplo dos roedores, aves, etc (DJATA, MANE, INDI, 2003).

O sistema de arroz “*bas-Fands*” é caracterizado por solos denominados pequenos vales. Existem 200.000 há de solos de “*bas-fands*”. A superfície atualmente em aproveitamento é estimada em 29.369 ha. Estimam-se um total de 58.190 exploradores agrícolas de modo familiar. No contexto atual, o arroz produzido a nível nacional pertence ao sistema de produção de arrozal “*basfands*”, que contribui com 10.000 toneladas de *paddy*, ou seja, 7% do cultivo total. Com o intuito de melhorar este sistema de produção, através de diferentes projetos foram introduzidas tecnologias novas e exógenas em termos de preparação de solos, quer de forma manual ou mecânica, com gestão parcial de águas pluviais, fornecimento e uso adequado de *agroinputs* e organização camponesa. Com a introdução de novos sistemas de enquadramento, a produção semi-intensiva, foi possível atingir 2.5 - 4.7 toneladas de arroz *paddy* por unidade de terra (DJATA, MANE, INDI, 2003).

Os autores Djata, Mane e Indi ainda ressaltam o sistema de produção *mangrove*, ou seja, lavoura de bolanhas salgadas. Atualmente a sua produção contribui nacionalmente com 115.000 toneladas de arrozais de *paddy*, 80% da produção total. A superfície atual é estimada em 50.000ha. Existem mais 18.661 explorações agrícolas. Para os autores este cultivo utiliza do conhecimento tradicional para a preparação dos solos, que é feita manualmente, com rendimento compreendido de entre 1.5-3.5 tonalada/ha. Vale ressaltar que nesse sistema o

resultado é obtido dependendo das características físicas e também etno-culturais da zona agroecológica (DJATA, MANE, INDI, 2003).

**Quadro 1** - Dados da produção atual de arrozal na Guiné-Bissau

Área/há	Exploradores	Toneladas/ paddy	Porcentagem
Sistema produção <i>Basfand</i>			
29.369	40.000	10.000	7%
Sistema produção Planalto			
33.000	40.000	15.000	10.7%
Sistema produção Magrove			
50.000	18.661	115.000	80%

Forte: Mané, Djata, Indi, 2003.

Esta produção alagada é uma lavoura de grande potencialidade dos *balanta*, como dizem os entrevistados, Malam, Rugana e também alguns autores, no caso de Djata, Mane, Indi, Tomulo Oliveira como também Foustino Imbali.

Também do ponto de vista destes pesquisadores (Djata, Mane, Indi), a cajucultura tem exercido uma influência negativa no desenvolvimento do arroz. Eles apontam questões que tem a ver com a mão de obra utilizada na rizicultura. E a importante mudança socioeconômica que ocorre na cajucultura, pois a castanha é uma cultura comercial, implica certa mobilização, bem como a troca entre arroz e outros produtos. Djata, Mane e Indi apontam como consequência destas situações a crise no sistema de produção de arroz (2003, p.8).

Sem querer refutar as observações deles, porém, no meu entender os dois cultivos podem funcionar sem causalidade um ou de outro. Porque temos as duas colheitas, que são distintas. Os agricultores poderão aproveitar estas oportunidades de rizicultura e cajucultura para gerar mais riqueza. Que vai depender de um plano bem traçado por parte dos produtores. E um bom mercado para comercializarem os seus produtos.

Segundo Judith A. Carney (2001, p. 69), os europeus não podiam simplesmente imaginar que os africanos pudessem de maneira independente experimentar e adaptar a irrigação as suas terras, como proferiu a autora, este preconceito estendeu-se também aos historiadores que não consultaram o relato dos portugueses do século XV, acerca dos

africanos e dos seus sistemas de oriziculturas, que já praticavam o cultivo bem antes da colonização.

Olavo Borges de Oliveira, Philip J. Havik e Ulrick Shienfer mostram que arroz é a base alimentar das etnias guineenses. Estas etnias que constituem a população da Guiné-Bissau, e conforme afirmam, os *balanta* são a etnia majoritária do território guineense, e que se empenham neste cultivo, sobretudo, no sistema que se consideram especialistas, de produção alagada (nas *bolanhas*). No entanto, os *brasa* produzem em pouca escala no sistema sequeiro (arroz de *Mpampa*) (OLIVEIRA, HAVIK, SHIENFER, 1996).

Vale ressaltar que trouxeram também as mudanças, adaptação que ocorreram ao longo dos séculos, invasões de *mandiga* e, posterior, *fula*, por causa das expansões destes povos para o oeste. Como explicou os autores acima referidos, os *balanta* fixaram no *Oio* no século XV, depois para zona Sul por questões de campanha militar colonial. (OLIVEIRA, HAVIK, SHIENFER, 1996). Até hoje podemos encontrar grandes presenças de *brasa* nestas localidades.

Para Oliveira, Havik, Shienfer (1996), as aldeias de *brasa* são formadas por um clã (patrilinear). Os primeiros a chegar numa zona detêm toda autoridade conseguida através dos espíritos da natureza (*irã*, em crioulo), estabelecendo um contrato no qual o cultivo das terras pode prosseguir. Por outro lado, a divisão de tarefa é feita por idade e sexo. Controladas pelos mais velhos, estas divisões dos grupos facilitam na mobilização de mão de obra. Os homens preparam as bolanhas, diques, lavoura e colheitas, já as mulheres ficam com a tarefa de viveiros, transportar arroz para as bolanhas ou tabancas. Eles acreditam que este sistema garante uma grande eficácia na produção de arroz. Contudo, pode-se afirmar que a produção não é suficiente para alimentar uma *morança*<sup>9</sup> durante um ano todo. Segundo, Oliveira, Havik e Shienfer (1996) “*ful*” é o principal meio de conservação de arroz. “*Ful*” seria um reservatório feito de lama e palha, geralmente ele é construído pelos homens.

De acordo com entrevista realizada ao agrônomo Rugana, formado pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus Redenção, a produção de arroz guineense pode ser caracterizada sendo de base familiar de subsistência. A ideia desse tipo de sistema de produção agrícola é cultivar para poder ter a comida. Contudo, *brasa* vendem arrozal em pequena quantidade. Na sua compreensão, o país tem solo adequado para trabalho agrícola, também podemos combinar esta afirmação com a de Djata, Mane e

---

<sup>9</sup>A morança é um conjunto de casa da mesma família, que tem em comum o mesmo avô paterno, são também construídas em função da localidade do arrozal familiar (HANDEN, 1986) (Fonte: <http://tchogue.blogspot.com/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html?m=1>. Acesso 10/08/19).

Indi (2003) e Ezekwesili, Fetini, Bassani e English (2010). Segundo o mesmo entrevistado, o arroz é uma planta que se adapta ao solo alagado que tem mais água e solo onde tem poucas águas. Por outro lado, mostra que os *brasa* têm contribuições importantes na produção de cereais de território guineense. Destaca algumas técnicas adotadas pelas *brasas*, como: depois da colheita, antes de secar as *bolanha*, eles aproveitam para construir diques e adiantar lavoura para o ano seguinte. E a própria arte de arado, que é fundamental para a lavoura de *brasas*, e usado também por outras etnias da Guiné.

Quanto à produção, segundo ele, *balanta* usam cultivo de arrozal de *mpampam* que funciona em poucas águas, é de rápida colheita, e produção de arroz alagado que dura mais tempo em relação a de *mpampam*, que suporta mais água.

Seguindo a mesma opinião da entrevista, o jovem Malam informa que para a população *brasa*, arroz é fundamental, até nas decisões de algumas atividades feitas por este povo. No seu ponto de vista, todos independente de faixa etária se envolvem no trabalho, cada um faz na medida da sua possibilidade. Segundo ele, os de menores idades contribuem habitualmente através de dar água para lavradores e vigiar o arroz dos seus inimigos na casa dos animais domésticos. Aquele arroz que é produzido depois é transplantado para semear na *bolanha*. Ainda esta responsabilidade continua comestes menores, quando o arroz fica maduro, protegendo as aves. As pessoas de maior idade cuidam da produção, colheita e da transformação manual dos cereais, pilando ou processo máquina.

N'beqa Quade, na ocasião da entrevista realizada, ressalta que para ela o insucesso da arrozicultura tem impacto negativo na vida da população guineense. Também ela destaca a contribuição intensiva do gênero feminino na luta pelo mantimento desta dieta alimentar nas casas guineenses, sendo o alimento mais querido do país.

O processamento do arroz paddy (arroz em casca). A colheita e o debulhar é feito manualmente, com recepção dos perímetros irrigados. A trituração à mão utilizando pilão tradicional é o meio mais comum de transformação de arroz no país. Atualmente existem várias descascadoras de arroz de origem e marcas diversas a funcionar no país. No quadro deste estudo, foram recenseadas 364 descascadoras, dos quais 80 estão avariados. A maioria deles fornece serviços de descasque aos pequenos produtores, consumidores e pequenos comerciantes itinerantes mediante pagamento de 1kg de arroz limpo por 10kg de arroz de casca descascado. (NANQUE; DJATA; PEREIRA (2015).

Podemos perceber que a produção de arroz no território guineense, as estruturas de trabalho, de transformação, são práticas tradicionais, mesmo tendo máquinas de ajuda, algumas pessoas continuam trabalhando manualmente. Acreditamos que estes pequenos produtores não recusam estes benefícios das máquinas, mas às vezes não tem condições de

comprar ou pagar para usar estas máquinas, por isso afastam algumas pessoas, ou seja, pela concepção de conservadorismo de práticas culturais, que a descasca é feita de forma manual ao longo de tempo, utilizando como principais instrumentos o pilão e pó, tarefa feita geralmente pelo gênero feminino. Como já ressaltado, na sociedade *balanta* as mulheres ficam com a responsabilidade de controlar e organizar a casa em termo alimentar.

De acordo com entrevista feita ao Malam, embora não sendo em grande quantidade, mas têm pessoas nas tabancas que detêm estas máquinas, fazem o trabalho de transformação de cereal em casca. Com a mesma forma de pagamento: 1kg de arroz limpo por 10kg de arroz em casca, a mesma informação pode ser encontrada em Nanque, Djata e Pereira (2015). Ainda, Malam explica que os arrozais pagos pelos donos das máquinas, pequenos produtores que detêm estes meios, são vendidos por um valor de 17500 francos fca ou R\$ 122,00 reais. Isso é uma mudança positiva. Porque não somente facilita acesso para os habitantes fazerem esta compra nas suas próprias tabancas, mas por questão qualitativa do próprio arroz. Esta produção pode ser caracterizada por orgânica, como acreditam Oliveira, Havik, Shienfer, já que em todo o processo de plantação até a transformação quase não são utilizados os produtos químicos.

Pelo fato das pessoas produzirem para sua própria subsistência, procuram sempre o mantimento mais saudável deste precioso grão. Embora o ideal poderia ser usar as máquinas que geram mais cereais em menos tempo e poupa esforço físico para a prática de outra atividade. Acredito que é por isso que tem a necessidade de fazer um profundo trabalho neste setor, desde produções escritas, promoções, propagandas de novas técnicas que aumentem a aderência aos trabalhos com as máquinas, conjuntamente com a divulgação do conhecimento científico, associando aos saberes tradicionais, para dar um passo para chegar mais perto de abastecer o mercado interno.

No entendimento de Abdulai Keita, os Balanta são um dos povos que praticam a arrozicultura nos solos mangal com uma competência reconhecida por todos os seus vizinhos da costa ocidental (KEITA, 2002, p.54).

Reafirmo mais uma vez, que o arroz tem uma grande importância não só na sociedade *brasa*, mas em quase toda convivência do povo guineense, nas solidariedades e fortificação de laços de amizade dos guineenses. Que pode ser nos momentos de crise financeira, cerimoniais, culturais e das festas celebradas na Guiné-Bissau. Tanto, quanto para religião animista, cristã e muçulmana. Para estas ocasiões de realizações, ganhar um saco de arroz de 50kg ou 25kg de um amigo ou amiga, um parente, vizinho é uma honra.

Com esta dieta alimentar, o arroz ajuda muito para receber as pessoas que participaram das atividades citadas acima. Sendo que os números de participantes não são fáceis prever uma quantidade exata de pessoas que vão participar de uma festa ou cerimônia cultural que pretende realizar. Porém, este arrozal que a pessoa receber da outra suportará no almoço em grande quantidade, para que todos consigam comer. Neste sentido, se a outra parte fica com fome, o responsável da atividade é apontado como fracassado. A mesma vergonha transcende para amigos e famílias de perto. É notório este sentimento de amigos e familiares como parte da vida da pessoa, é essencial na sobrevivência da população guineense, ajuda a pessoa em certo ponto a aliviar o sofrimento da vida.

Culturalmente a contribuição de um ou uma adolescente, ou jovem entre a idade de 15 a 30 anos com este precioso alimento na sua casa de convívio, lhe faz ganhar algumas considerações e subida de status. No sentido de que tal pessoa estar a sair da sua zona de conforto, para uma mentalidade de pessoa madura que estar a pensar em família. Toda esta lógica é compreendida quando este produto alimentício tem centralidade para a cultura guineense. O insucesso na produção de cereal local, claramente elevará o preço para sua compra, que, posteriormente, vai dar imediatamente na crise financeira principalmente, daquela família de baixa renda, e por fim, podendo gerar até fome. Quando a procura é maior que a oferta, quem lucra com isso são os países que abastecem o mercado nacional. Para Ezekwesili, Fetini, Bassani, English os problemas relativos à falta de um sistema de crédito rural enquanto um programa do governo e a ausência de pesquisas tem uma influência negativa na produção de cereais na Guiné-Bissau (2010, p.104).

## **6 METODOLOGIA**

Para a execução da pesquisa será utilizada a metodologia qualitativa, por ser um método que entendemos ter combinação com o trabalho que está sendo proposto, de análise da produção de arroz da Guiné-Bissau, a partir da dimensão agrícola, econômica e cultural. Segundo Anselm Stauss e Juliet Carbin (2008), a realização de análise qualitativa refere-se a não quantificação de dados qualitativos, mas, sim, ao processo não matemático de interpretação, feita com objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema exploratório teórico (2008, p.24).

Para o levantamento bibliográfico da pesquisa, trabalharemos com livros, artigos, disponíveis na biblioteca de UNILAB, campus do Malês, Bahia, e outras matérias disponíveis na internet, artigos, publicações sobre produção de colheita na Guiné-Bissau, alguns encontrados no repositório de Ministério de Agricultura da Guiné-Bissau.

Também serão explorados os relatórios dos últimos dez anos das organizações não governamentais que atuam na Guiné, ligadas a este setor, como os que estão ligadas na ajuda de produção inscritas do país. Já para a elaboração do projeto, foram realizadas profundas leituras destas matérias e autores que falam sobre a temática.

A pesquisa pretende valorizar o conhecimento de pessoas que tem vivência nesta área de produção agrícola e organizações sociais de povo *brasa*. Através de entrevistas feitas, algumas, inclusive já foram produzidas para a elaboração do presente projeto. Ainda serão consideradas as experiências e saberes dos mais velhos e mais velhas (“biblioteca viva”) que muito irá auxiliar este trabalho de pesquisa, em vários pontos, informando sobre a realidade arcaica e o comportando com atual deste cultivo. Também utilizarei as minhas recordações vivenciadas neste setor, já que em algumas ocasiões participei da produção. Estes elementos serão fundamentais para enriquecimento do projeto. Os meios utilizados para fazer as entrevistas serão via redes sociais, como *WhatsApp* e *Facebook*, devido a impossibilidade de realização de trabalho de campo.

Conforme Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2016), o objetivo principal da entrevista será a obtenção de informação sobre determinado assunto ou problema. Para a entrevista não estruturada, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considera adequada, é uma forma de explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de conversação informal.

Assim como prefere Pedro Demo (2016, p. 151-2), são consideradas metodologias qualitativas, por exemplo, a pesquisa participante, pesquisa-ação, história oral, observação, etnometodologia, hermenêutica, fenomenologia, levantamentos feitos por questionários abertos, ou diretamente gravados, análise em grupo, que, como vemos, abrigam horizontes bastante heterogêneos. Em parte, definem-se como metodologias alternativas, porque buscam salvaguardar o que a metodologia considerada “dura” joga fora, por não caber no método.



## REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2007.
- CARNEY, Judith. **Arroz Negro. As Origens Africanas do Cultivo do Arroz nas Américas**. Bissau: Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, 2001.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico** 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- DJATA, Rui Nenê; MANÉ, Ansumane Mané; INDI, Manuel. **Análise de fileira de arroz**, Bissau, 2003.
- EZEKWESILI, Obiagel K; “et al” **Estudo do diagnóstico de integração do comércio para o melhoramento do quadro integrado assistência para assuntos do comércio internacional**. Bissau, 2010.
- HANDEM, Diana. **O arroz ou a identidade balanta brasa**. Revista de estudos guineenses, Bissau, 1986.
- IMBALI, Foustino. **um olhar sobre o sistema de produção balanta**: caso de das tabancas de mato foroba e catone. Revista de estudo guineenses, INEP. Bissau, 1992.
- JÚNIOR, Reinaldo Dos Santos Barroso. **Nas rotas do atlântico equatorial: tráfico de escravos rizicultores da Alta-Guiné para o Maranhão (1770-1800)**, Salvador, 2009.
- KEITA, Abdulai, **Classificação dos ecossistemas entre os agricultores balantas**: revista de estudo guineense. INEP: Guiné-Bissau, 2002.
- MARCONI, Marina, de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Pesquisa qualitativa**, 7ª ed São Paulo: Atlas, 2016.
- NANQUE, Andre Lopes da veiga; DJATA, Rui Nenê; PEREIRA, Armando Mendonça. **Estudo diagnóstico do setor do arroz- análise de cadeia de valor**. Relatório final, Genesis (SCS-G), Bissau, 2015.
- OLIVEIRA, Olavo, Borges; HAVIK, Philip J.; SHIENFER, Ulrck. **Armazenamento tradicional na Guiné-Bissau, produtos, sementes, e Celeiras**, Bissau, Lisboa, Munster, 1996.
- PINTO, Paula. **tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva do subdesenvolvimento**, Porto, 2009.
- STAUSS, Anselm; CARBIN, Juleit. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Tradução de Luciane de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- TOMULO, Marina Padrão. **A narrativa da degradação ambiental no Sul da Guiné-Bissau: uma desconstrução etnográfica**: vol. 13 (2) | 2009. Online desde 22 Abril 2013, consultado em 30 Setembro 2016. URL : <http://etnografica.revues.org/1341>; DOI : 10.4000/ etnografica.

<<https://www.worldbank.org/pt/country/guineabissau/overview>>. Acesso, 30 jul. 2019

<<https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>>. Acesso: 23 Jul. 2019

<<http://www.adpp-gb.org/wp-content/uploads/2017/08/guine-bissau-agricultura-adpp-2.jpg>>.  
Acesso: 02. jul. 2019

<http://tchogue.blogspot.com/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html?m=1>.  
Acesso:10/08/19).

**ANEXOS**

## Anexo 1

**Figura 2** - Podemos ver Jovens fazendo uma loroura na bolanha, sistema de lavoura muito antigo que continua dominar produção Guineense



Fonte: <<https://www.planetaarroz.com.br/site/imagens/noticias/noticia15202.JPG>>.

Acesso: 02.Jul.2019

**Figura 2** - Esta imagem mostra onde o arrozal que cresceu e está preste a colheita



Fonte: <<http://www.adpp-gb.org/wp-content/uploads/2017/08/guine-bissau-agricultura-adpp-2.jpg>>.

Acesso: 02/07/2019.

## Anexo 2

### Roteiro de entrevista

1. A lavoura de arroz é de base associativista, familiar, individual? Como funciona na realidade brasa?
2. Como é o processo de lavoura do arroz de povo brasa e a sua organização social, divisão que faz de trabalho entre gêneros e faixas etárias?
3. Guiné-Bissau tem solos adequados para plantação de arroz? Como povo brasa pode contribuir para este setor?
4. Quais são os modelos de produção de cereais existentes na Guiné? O mais usado pela brasa, porque?
5. Qual é a ligação que se faz com relação ao cultivo de cereais, com a sua cultura, ritual e tradição?

N,Bega Quade	Feminino
Malam	Masculino
Rugana Imbana	Masculino